

FORMAS DE LUTA E ESTRATÉGIA

Forms of fight and strategy

Wilson do Nascimento **BARBOSA** (Professor USP, São Paulo. Brasil)



Wilson Barbosa

“De três caminhos possíveis, deixamos ao inimigo apenas duas possibilidades: em uma, ele perde; na outra, nós vencemos”.

(Ho Chi Min)

Introdução

Para os fundadores do marxismo, o método marxista é uma determinação. Isto quer dizer que eles (Marx, Engels, Lenine, Stalin, Mao Tse Tung, e outros) entendem as transformações do mundo como resultado de necessidades profundas, determinadas por leis que podem ser conhecidas. A descoberta ou conhecimento dessas leis permitiria segundo eles conhecer o desdobramento da realidade, porque entendem que a casualidade é apenas uma necessidade parcialmente encoberta por uma aparência fenomênica nova. Isto posto, implica dizer que para eles o método marxista permite conhecer a realidade, tal qual ela é, não havendo mascaramentos que possam torná-la inacessível a uma abordagem rigorosamente científica e sistemática. É importante dizer isso porque nos últimos cinquenta anos surgiram diversas correntes de opinião que não acreditam que o método marxista seja científico, apresentando-o como uma utopia, mas, ao mesmo tempo, declaram-se os partidários dessas correntes, como seguidores e aperfeiçoadores do método de Marx.

Sem querer, neste momento, ingressar nesta polêmica, apresentarei o ponto de vista dos próprios marxistas acerca das formas de luta e da estratégia, ignorando a opinião dos seus supostos revisores.

A forma de luta

Que se pode entender da expressão “forma de luta”? Trata-se de uma maneira de agir, praticada por certo coletivo, para enfrentar uma agressão externa ou impor sua vontade em determinado espaço. A primeira caracterização de uma ou várias formas de luta deve basearse em sua natureza. Deste ponto de vista, elas podem ser pacíficas ou violentas. A vontade se impõe por negociação ou pelo uso da força.

Por exemplo, veja-se um esquema com algumas formas de luta:

Pacíficas	Violentas
Reunião	Luta corporal
Manifestação:	Luta de ruas
Desfile	Golpes de mão (ações armadas)
Comício	Ações de terror
Reivindicação	Luta guerrilheira Formas de guerra Etc.
Etc.	
Organização classista	
Organização política Luta parlamentar	
Etc.	

Dessa maneira, pode-se compreender que o interesse do marxismo pela luta de classes e pelas formas violentas de luta é uma imposição da vida, que resulta do caráter objetivo das lutas e não de um suposto desvio psicológico dos marxistas. Declarou Lênine em *Socialismo e Guerra* (1915):

“Os socialistas têm sempre definido a guerra entre os povos como uma questão bárbara”.

A observação histórica indica que essas formas de luta expressam a defesa de interesses, muitas vezes uma luta pela sobrevivência, desde a ação de um indivíduo ou grupo de indivíduos, da família, de grupos de famílias, de forças sociais mais amplas, de classes sociais, de blocos de classes etc. Engels produziu uma escala de formas de luta desde as “mais baixas” (mais espontâneas) até as “mais elevadas” (de organização complexa).

Formas de luta e Estratégia

Para os marxistas, é de grande importância observar que as formas de luta se combinam para expressar as necessidades de uma certa forma de embate social. Nesse caso, elas tendem a apresentar-se combinadas, em um “pacote” que se denomina *método de luta*. Por exemplo, a *luta guerrilheira*, que apresenta diferentes formas, pode ser agrupada de um modo preferencial considerado eficaz, criando assim, um *método de luta guerrilheiro*, do qual deve necessariamente decorrer uma *tática* ou uma *estratégia*, ou ambas.

Assim, para os fundadores do marxismo, à medida que as formas de luta geram métodos de luta, aprofunda-se o *caráter social* da luta em curso. Dada estratégia, dadas táticas, dados métodos de luta, tendem a expressar uma natureza de classe, definindo o caráter da luta em curso. Assim, a história indica que há formas de luta camponesas, operárias, pequeno-burguesas, burguesas etc. Os métodos de luta daí decorrentes expressam os interesses de classe em jogo. O conhecimento da experiência histórica também permite aos organizadores de classe aprenderem fora da sua própria experiência, incorporando os ensinamentos deixados por lutas atuais ou passadas.

Para os fundadores do marxismo, uma classe dominante jamais renunciará à sua dominação. Ela nem mesmo fará concessões sem que estas lhes sejam arrancadas por uma forma de luta ou por um método de luta cujo custo para derrotar seja demasiado alto para a dominação aceitar.

Lênine disse: *“a classe dominante, o proletariado, se realmente quer e vai dominar, deve prová-lo também com a sua organização militar”.*

(V. I. Lenine, *Obras Completas*, 5a.Ed., tomo 38, p. 139)

Ou seja, Lênine considerava o problema do exercício do poder pelos trabalhadores como necessariamente devendo assumir uma postura de classe dominante, capaz inclusive de opor-se de forma violenta às manobras de seus adversários e/ou inimigos.

A observação histórica indica que as formas de luta expressam a defesa de interesses. Portanto, os interesses dos trabalhadores, ainda que majoritários, poderiam, após a conquista do poder ser questionados pela burguesia, em aliança com outros setores. Isso ficou evidente na guerra civil que se seguiu à revolução soviética.

Como afirmou L. Trotsky, enfatizando a unidade política e militar da estratégia soviética:

“O marxismo não dá receitas prontas. Menos ainda em questões de ordem militar. Deu-nos, porém, os métodos. Se é verdadeiro que a guerra é a

continuação da política, unicamente por outros meios, então, o exército é a continuação e o coroamento de toda organização social do Estado, somente com a superioridade das baionetas". (L. Trotsky, in O exército vermelho e o prosseguimento da revolução, vol.2, 1921, p. 206)

Forma de luta e métodos de luta

Pode-se ter, portanto, seguindo os fundadores do marxismo, bases de classe para os métodos de luta. Tais seriam:

Camponês

Operário

Pequeno-burguês

Latifundiário

Burguês

Os métodos de luta se expressam como generalidade na condição de *estratégias*, as quais se desdobram, através de superações negativas, como táticas. Segundo Lênine, só pode haver uma de três naturezas na estratégia ou na tática:

Ofensiva

De equilíbrio

Defensiva

No entanto, cada estratégia ou tática se desdobra em movimento contraditório:

Ofensiva

Generalizada

Particularizada (parcial)

De equilíbrio

Geral

Parcial

Defensiva

Ativa

Passiva

Em cada *ação tática* ou *ação estratégica* predomina um método de luta. Em cada método de luta predomina uma forma de luta. Desse modo, para Engels e Lênine e seus seguidores é possível, a partir da *análise do quadro de forças*, prever quais são os métodos de luta de cada campo social em presença. E, portanto, prevê quais ações podem levar à vitória deste ou daquele campo.

O conceito leninista de quadro de forças é a maneira de expressar a análise das forças sociais em presença, em dado evento. Para Lênine, é importante determinar as forças apresentadas e acumuladas pelos diferentes grupos e classes sociais, sob a forma de ação

política potencial ou efetuada. O conceito de *relação de forças* apresenta-se como o elemento central da ciência política leninista. Para Lênine, as forças sociais nunca se apresentam em estado puro nos movimentos sociais e na arena política. Elas se apresentam de acordo com certas circunstâncias históricas, emaranhadas com outras, com formas muitas vezes contrárias aos seus próprios interesses de classe. No processo de manifestar-se politicamente e no modo consequente de apresentar-se, utilizando esta ou aquela forma de luta, as diferentes classes sociais mascaram consciente ou inconscientemente os seus interesses reais, sob formas da moralidade vigente, da ideologia política dominante e da ideologia social apoiada pela maioria. Estas complicações requerem do analista político uma judiciosa avaliação das forças em presença, o que se dá pelo que Lênine chamou de *balanço da relação de forças*.

Ele, portanto, expressa uma estimativa global da situação em jogo, indicando as possibilidades de manobra das diferentes forças organizadas política e institucionalmente e indica para onde pende ou pode pender o desfecho da luta imediata, a favor de quê adversário. É a análise da relação de forças que permite à direção política definir a etapa estratégica e o aspecto central da tática, a ser aplicada naquela conjuntura.

As formas de luta podem ser descritas como reações contra o outro que se mostraram, portanto, basicamente úteis. Nos povos das primeiras sociedades havia luta pelo controle de certos ambientes geográficos, que facilitariam a sobrevivência do grupo que ali se alojasse. Na mesopotâmia, na bacia indo-gangética, nas montanhas do Peru, nas selvas do Congo, da Guatemala ou do Brasil, diferentes grupos humanos disputaram o acesso a certas áreas preferenciais, em que a vida podia fazer-se mais vantajosa. Os historiadores costumam recorrer ao exemplo tradicional da sociedade egípcia como que ela se formou, desde as contínuas invasões propiciadas pelo rápido e progressivo ressecamento do Saara, hoje região desértica. O Saara era, há vinte mil anos, um paraíso terrestre, onde viviam dezenas de milhares de indivíduos, com ambiente semelhante ao do Brasil hoje. No entanto, a cada ano, a cada geração, a temperatura foi se elevando, como resultado do fim do último glaciário. Então, as condições de vida tornaram-se cada vez piores e – no curso de uma mesma geração – foi necessário emigrar várias vezes, para escapar ao crescente ressecamento. Essas populações migraram predominantemente para o Egito e a Nigéria, praticamente a única saída. De sua realocação nasceu a sociedade egípcia antiga, entre outras. O Egito foi uma das primeiras grandes civilizações. Num ambiente onde antes havia uma aldeia egípcia com trezentos ou até dois mil habitantes, em virtude da migração surgiram dez aldeias a compartilhar suas terras e a competir com elas. Isso já caracteriza uma situação de conflito. Não era possível impedir a chegada de outros. Mesmo lançando mão da guerra, não era possível eliminá-los a todos. Portanto, o conflito requeria uma nova solução, uma nova forma de poder, que expressaria a vitória de um novo método de luta.

Vê-se nas tumbas faraônicas o desfile de sua polícia, principal força repressiva anterior à criação do exército. São negros armados de bastões, com os quais a elite mantinha a ordem estabelecida. A experiência histórica havia elaborado uma sucessão interminável de formas de luta até chegar-se, há seis mil anos atrás, à experiência e ao conceito, num nível do poder político, de *força policial*. A força policial era, àquela época, a força de choque mais avançada da história, capaz de vistoriar cada aldeia, prender os dissidentes e assegurar o pagamento imediato dos impostos. Nessas condições, surgiu uma classe dominante. Esta força prevaleceria no Egito até a época das invasões estrangeiras, lideradas pelos hicsos. Para rechaçar os hicsos foi necessário formar um exército, algo que ainda não havia aí existido. Este caminho jamais permitiria o retorno à “inocência” da época das forças policiais.

Quando se visitam os textos homéricos, vê-se a predominância – similar ao Egito – da escravidão doméstica e da força policial. Como no Egito, a condição guerreira da elite pôde ser explorada para formar uma força de choque, uma variante primitiva de exército, capaz de servir de força local de defesa, ou embrião de uma expedição punitiva. Essa força policial evoluiu rapidamente; e já trezentos anos mais tarde apenas que no caso egípcio, também na Grécia surgiria, em sua substituição, o exército.

O exemplo poderia ser detalhado ao longo de toda a história da sociedade, até os tempos atuais, demonstrando que, com a crescente divisão social do trabalho, torna-se necessário, para assegurar a dominação de uma classe social, estabelecer profissões policiais e militares, com a exclusiva função de espionar, sabotar, reprimir e até eliminar fisicamente membros ou grupos das classes subjugadas. Maldade original da condição humana? Os fundadores do marxismo não se interessam por esse aspecto moral, pois consideram a moralidade o produto dos interesses reais das forças sociais. Eles consideram mais provável que as classes dominantes tenham expressado historicamente suas atividades repressivas como um instrumento para garantir a sua própria sobrevivência. O exército, elemento popular para conquista do território do outro, tornou-se pouco a pouco simples instrumento de dominação interna. Seu papel repressivo externo decorria das necessidades internas, com o reforço das forças dominadoras em presença. Evidencia-se aqui uma vez mais o caráter objetivo da dominação. Ela não depende da opinião de pessoas, mas expressa uma luta surda por interesses de sobrevivência à qual as pessoas forçosamente deveram se adaptar.

Sendo a dominação como é, dela só podem resultar condições negativas, um bloqueio quase que completo da elevação da consciência dos dominados ou à satisfação dos seus interesses, mesmo básicos. As elites ou classes dominantes não se preocupam com outros interesses distintos dos seus. Sua postura é deixar de considerar como seres humanos os membros da multidão, trabalhadores ou não, em todos os seus aspectos.

Portanto, devido ao caráter objetivo da luta de classes, as crises do sistema do capital que se dão ciclicamente devem levar a conjunturas revolucionárias, de intensidade variável. Algumas dessas crises da dominação resultarão em crises revolucionárias, onde forças sociais tradicionalmente dominadas podem ter a oportunidade de escrever uma história diferente. Não se pode nesse sentido, desprezar a experiência alheia, particularmente quando o outro, em outra realidade, ocupa uma função social bastante semelhante àquela em que se encontra o observador, em sua própria realidade. Operários são operários e patrões são patrões, não importa em que região do mundo. Seria mera ilusão acreditar em comportamento muito diferente dos dominadores desta ou daquela parte, quando seus interesses verdadeiros forem postos sob risco. A revolução dá-se assim, como frisou Lênine, como um fenômeno global, embora a sua forma concreta seja uma revolução que, pelo desenvolvimento desigual, deva se expressar sob uma forma nacional. Disse Lênine:

“A nossa revolução confirmou mais do que outra qualquer a lei segundo a qual a força da revolução, a força do ímpeto, a energia, a disposição e a sua vitória intensificam ao mesmo tempo a força de resistência por parte da burguesia. Quanto mais vitórias obtemos, tanto mais os exploradores capitalistas aprendem a se unir e passam contra nós com maior obstinação à ofensiva”.

(V. I. Lênine, *Obras Completas*, 5a. ed., tomo 40, p. 244)

Métodos de luta e estratégia

Para a compreensão marxista, o conceito de estratégia flui naturalmente da compreensão do método de luta. Por método de luta entende-se um conjunto concreto, historicamente associado, de formas de luta. Embora as formas de luta possam ser descobertas ou produzidas ao longo da história, tornando-se assim retomáveis e quase atemporais, para o entendimento de Engels e Lênine, a sua aparentemente casual associação em um método de luta, em dado processo histórico, corresponde a necessidades profundas. Elas impõem que tal método se manifeste. Desse modo, um método de luta predomina em dada situação, expressando a melhor tática possível de ação das forças partidárias, seja da mudança social, seja de qualquer outro grupo.

Para a compreensão marxista, o conflito é um fenômeno objetivo. Isso é, o conflito se dá, queiram as partes interessadas nele ou não. Para o marxismo, o conflito é o fenômeno primário; e a consciência do conflito, o fenômeno derivado. Não existe a possibilidade “quando um não quer dois não brigam”. Nesse caso, a recusa a lutar não é uma escolha plena, é apenas a escolha da capitulação sem condições.

Abandonar a cena, entregar os pontos etc, não impedem o vencedor de dispor livremente do capitulante. Dessa forma, pode haver situações históricas em que: (a) uma das partes não tem consciência do conflito ou de seus interesses no conflito; (b) ambas as partes não têm tal consciência. Ainda assim, o conflito ocorrerá de qualquer maneira, embora sob formas destorcidas.

Para o entendimento marxista, todas as coisas existem estabelecidas contra elas próprias. Isto é, elas se dão circunstancialmente na dependência do resultado do desenvolvimento de outras coisas, que sobre elas atuam necessária ou ocasionalmente. Nesse sentido, tudo que parece uno é duplo, pois contém também o seu contrário. Todo poder, quando se estabelece, traz consigo as condições de sua ruína. Tudo que é novo tornar-se-á velho etc. Recusar-se a lutar, portanto, não permite evitar o caminho da abjeção.

Marx e Engels caracterizaram a estrutura de classes da sociedade como seu principal elemento dinâmico. Ou seja, para eles, o principal elemento diferenciador ou transformador da sociedade é a luta objetiva decorrente de dois grupos básicos de interesses irreconciliáveis: (1) os que vivem do trabalho dos outros; e (2) os que vivem do próprio trabalho. Na sociedade capitalista, esses grupos constituem, na primeira posição, a burguesia; e na segunda posição, o proletariado. Para os fundadores do marxismo, podem haver outras camadas, classes ou grupos sociais em presença diante dessa fundamentalidade, mas, na condição de restos das sociedades anteriores. Não se constituem por isso, os elementos decisivos no conflito. O embate principal há de dar-se entre as forças que permitem à sociedade existir como tal, no caso da sociedade presente, a burguesia e o proletariado.

Escreveu Lênine, em seu *Socialismo e Guerra* (1915):

“A guerra é continuação da política por outros meios (especialmente violentos). Essa asserção muito conhecida pertence a um dos mais profundos escritores em assuntos militares, Clausewitz. Os marxistas têm justamente considerado sempre essa tese básica dos pontos de vista do significado de qualquer guerra. Marx e Engels sempre definiram as diversas guerras deste ponto de vista”.

Como Stalin também chamou a atenção:

“Os bolchevistas asseveram que há duas espécies de guerra: (a) guerras justas, que não são guerras de conquista, mas de libertação, levadas a efeito para defender o povo de ataques externos e de tentativas de escravizá-lo; ou para libertar o povo da escravidão capitalista; ou, afinal, para libertar as colônias e os países dependentes, do jugo do imperialismo; (b) guerras injustas, de conquista, executadas para conquistar e escravizar países estrangeiros e outras nações.

Guerras do primeiro tipo, os bolchevistas apoiam. Quanto às do segundo gênero, os bolchevistas consideram que uma luta desenfreada deve ser lançada contra elas do ponto de vista da revolução e da destruição dos governos imperialistas”.

(Em *História do PCUS*, edição de 1938, p. 137-38)

Pelo caráter dialético como as contradições se manifestam, esta dualidade fundamental – burguesia e proletariado – deve fazer passar (mediar) sua efetivação por todas as forças existentes na sociedade. Isso não depende da vontade dos indivíduos apenas. No entanto, se os indivíduos conhecerem tal fato, a história poderá ser acelerada. Dessa forma, na luta de classes, cada classe ou setor social “minará” objetivamente o interesse que lhe é oposto, independentemente, de saber o que está a fazer ou não. No entanto, se souber o que se passa, sua eficácia, seu poder multiplicador de efeitos, será em muito sobre dimensionado. Nesse sentido, Engels falava que a direção do partido dos operários é o *estado-maior* da classe operária, expressão que foi adotada por Lênine para caracterizar a ação política dos bolcheviques.

Sendo o conflito o elemento primário, os acontecimentos ocorrem na sociedade a expressar apropriações e privações, mascaradas sob diferentes formas. Por exemplo, na sociedade brasileira, onde inexistente um partido de vanguarda, capaz de oferecer sentido político a luta dos pobres e dos trabalhadores, a pressão da miséria e do desemprego sobre dezenas de milhões de pessoas se manifesta – tortamente – pela elevação do individualismo, da violência, do crime, do trambique etc. Talvez 95% dos criminosos estariam trabalhando normalmente, caso tivessem casa, emprego, e um salário normal. No entanto, o processo de dominação sob dezenas de milhões requer: (1) miséria crescente; (2) sobre-exploração; nas condições do mundo do capital.

Ou seja, um conflito que não chega a se caracterizar no nível de consciência pode requerer, no entendimento marxista – para sustentar o processo de dominação – um custo social mais elevado que o possível custo de uma revolução social. O objetivo desta seria restabelecer a sintonia entre necessidades sociais, governo político e projetos sociais, permitindo recursos básicos para a elevação do padrão de vida das massas trabalhadoras.

Dessa forma, os métodos de luta devem extensamente corresponder a determinadas classes e/ou grupos sociais, e não a outros (as). Os exploradores elaboram e sofisticam os seus próprios métodos de luta; no campo oposto, os trabalhadores e seus dirigentes devem estar a fazer o mesmo. O complicador dessa explicação resulta, portanto, o elemento consciente. Qual a diferença entre o papel consciente e o papel objetivo no processo de organização das forças em presença na luta de classes? A resposta à esta pergunta é da maior atualidade.

Disse Lênine:

“Nós os marxistas sempre nos orgulhamos do fato de que por uma estrita avaliação da massa das forças e relações mútuas entre as classes, temos determinado a seleção desta ou daquela forma de luta.

A que deve todo marxista atender quando examina a questão da forma de luta? Em primeiro lugar, o Marxismo distingue-se de toda forma primitiva de socialismo pelo fato de que ele não conduz a qualquer fórmula particular de luta; ele reconhece as formas as mais variadas... Nos diferentes momentos da evolução econômica; culturais e sociais, as diversas formas de luta assumem certa proeminência, surge a principal forma de luta, enquanto, por seu turno, as formas secundárias e suplementares, assumem seu aspecto particular, diferente”.

(V. I. Lênine, *Obras*, vol. 10, 1928, pp. 80-81)

Pode-se, portanto, compreender com certa facilidade que haja Lênine definido estratégia como “o plano do golpe principal”. O conhecimento judicioso da forma de luta principal em dada circunstância histórica permite, a seu ver, assegurar um esforço de transformação capaz de mudar a correlação de forças em proveito próprio. Lênine também chamou a atenção para que as diferentes formas de luta exigem a ação direta de diferentes contingentes de participantes. Aquele que deseja vencer deve, pois, antecipar a forma de luta principal capaz de assegurar a vitória para as suas forças. Observa-se por outro lado que o que é importante é organizar o golpe principal e não um punhado ou a totalidade das ações secundárias.

Assim, Stalin comentaria sobre a estratégia, em seu artigo *Da estratégia e da Tática dos comunistas russos* (1923):

“A tarefa principal da estratégia é a determinação da direção básica segundo a qual se deva fazer seguir o movimento da classe, e segundo a qual se torne mais fácil ao proletariado fazer sentir a sua ação contra o seu oponente, para a realização dos propósitos ditados pelo seu programa. O plano da estratégia é o plano da organização do golpe principal, na direção em que ele possa produzir o máximo de resultados”.

No mesmo artigo, assim definiu Stalin a tática:

“A tática é a parte da estratégia a ela subordinada e para servi-la. (...) O papel mais importante da tática está na determinação de que caminhos e meios, que formas e métodos de luta, podem no geral corresponder a uma situação concreta em dado momento e permitem preparar com sucesso o advento da estratégia. Por isso, a ação tática, seus resultados, não devem ser levados em conta puramente nem do ponto de vista de efeitos imediatos, mas, do ponto de vista das missões e possibilidades que lhe determinaram a estratégia. Há momentos em que a tática facilita o preenchimento das tarefas estratégicas. (...)

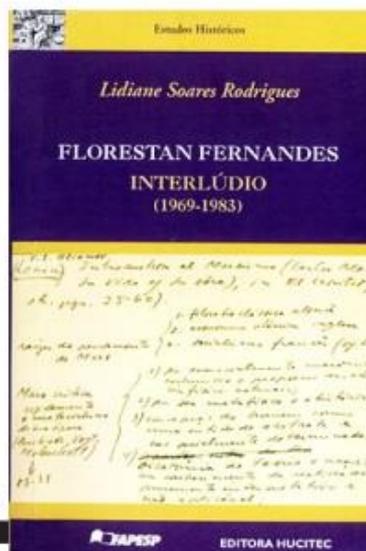
Finalmente, há também momentos em que é preciso ignorar os sucessos táticos, incorrendo deliberadamente em perdas desse gênero a fim de assegurar à estratégia louros no futuro. (...)

Em outras palavras, a tática não pode se subordinar a interesses do momento; não deve ser orientada por considerações de efeito imediato e político; ainda menos, se deve deixar embair por castelos no ar. A tática precisa adaptar-se às tarefas e possibilidades designadas pela estratégia”.

FLORESTAN FERNANDES

Interlúdio (1969-1983)

Lidiane Soares Rodrigues



Neste livro, a autora procura reconstituir a elaboração de uma modalidade de atuação política para os intelectuais empreendida por Florestan Fernandes, entre os anos de 1969 e 1983. Trata-se de um momento em que o sociólogo esteve desvinculado da instituição universitária, da qual a aposentaria compulsória imposta pelo regime autoritário o arrancou, e empenhado num de retiro da vida pública, refúgio que chamou de "gaiola de ouro", e ela, de interlúdio. No cultivo dessa rejeição ao mundo, o autor dedicou-se à autorreflexão, parcela considerável da

obra então produzida nasce sob o signo dela – são balanços de sua trajetória intelectual, da Sociologia e dos impasses da formação das ciências sociais no Brasil – e da liberação da coerção discursiva que os campos institucionais promovem. Por meio do exame desse conjunto de textos, sobressai-se na obra do autor o tema que é centro gravitacional dos estudiosos da obra e trajetória do sociólogo: o equacionamento de sua atuação acadêmica e política.

 Editora **HUCITEC**